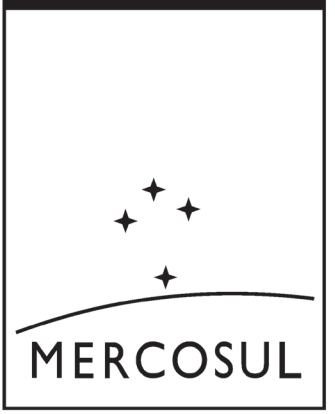
BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA®

Série Diplomacia ao alcance de todos

14



O MERCOSUL

Coleção Divulgação – **INCENTIVO À LEITURA - Distribuição gratuita**

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2008

O organizador

Amado Luiz Cervo – Professor emérito da Universidade de Brasília e Pesquisador Sênior do CNPq. Atua na área de relações internacionais e política exterior do Brasil, tendo formado 22 mestres e 13 doutores. Publicou 17 livros, 33 outros capítulos e 32 artigos em periódicos especializados.

Revisão: Fundação Alexandre Gusmão - FUNAG

Arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Editores: Jeronimo Moscardo e Victor Alegria

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. **THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.**
SIG Quadra 8, lote 2356 – CEP 70610-480 - Brasília, DF. Fone: (61) 3344-3738 –
Fax: (61) 3344-2353 *End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br *Página na Internet: www.thesaurus.com.br – Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

O MERCOSUL

Antecedentes e impulsos

A idéia da integração vem dos anos cinqüenta. Os presidentes argentinos, Juan Domingo Perón e Arturo Frondizi, e seus colegas brasileiros, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, queriam a integração. Os regimes militares plantados nos anos sessenta abalaram inicialmente essa idéia, mas não extinguiram o diálogo. Na passagem dos anos setenta para os oitenta, convenceram-se de que o entendimento bilateral era conveniente e mesmo inevitável, tendo em vista a convivência necessária entre vizinhos. Depois dos generais, coube aos presidentes civis José Sarney e Raúl Alfonsín retomar nos anos oi-

tenta a idéia da integração, que Carlos Menem e Fernando Collor de Melo converteram no Mercosul.

Reunidas as condições políticas, avançou-se firmemente no caminho do entendimento com dois acordos firmados durante o regime militar, em 1979 e 1980, o primeiro superando o atrito acerca do aproveitamento dos rios da Bacia do Prata, o segundo estabelecendo a cooperação. Depois deles, a Ata de Itaipu de 1985 e os Protocolos de Cooperação do ano seguinte assinados por Sarney e Alfonsín aprofundaram e expandiram mecanismos de ação bilateral.

Há, pois, na origem e na evolução do Mercosul, um lastro histórico que especialistas chamam de relações em eixo. O eixo se estabelece quando duas potências regionais decidem unir seu destino por uma boa causa. Dois exemplos ilustram esse argumento. A construção da paz motivou França e Alemanha a assinarem o Tratado do Eliseu, em 1963. A promoção do desenvolvimento motivou

Brasil e Argentina a assinarem os Acordos de Uruguaiana em 1961 e a Ata de Itaipu em 1985. O eixo se firma mediante cooperação que se situa na gênese dos processos de integração na Europa e no Cone Sul. Com efeito, ao conjugar forças de dois países de liderança regional, a relação especial ultrapassa o âmbito das relações bilaterais e suscita reações na vizinhança, em princípio no sentido da aglutinação, como ocorreu durante a origem e a expansão da União Européia e do Mercosul.

Tratatado de Assunção (26 de março de 1991)

"Este Mercado Comum implica:

- A livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos...
- O estabelecimento de uma tarifa externa comum...
- A coordenação de políticas macroeconômicas...".

Criação e expansão

O Mercosul foi criado em 1991 quando os governos de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinaram o Tratado de Assunção. Recebeu, depois, a adesão de Chile, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia como membros associados e o pedido de adesão da Venezuela como membro pleno. O Protocolo de Ouro Preto de 1994 conferiu ao bloco o *status* de sujeito de direito internacional. Desde então, o Mercosul negocia em bloco acordos com outros países e com outros blocos de nações.

O Mercosul persegue, com sua ação, dois objetivos essenciais: primeiramente, a expansão do comércio entre seus membros; em segundo lugar, a expansão do comércio com seus parceiros externos e a produção de regras favoráveis pelos órgãos multilaterais, especialmente a Organização Mundial do Comércio. A negociação conjunta agrega um suplemento de poder aos países membros nas negociações multilaterais. Fez, por

exemplo, malograr o projeto para criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), vista como ameaça aos interesses da industrialização dos países do Cone Sul. Por outro lado, o Mercosul negocia com a União Européia a criação de uma zona comum de livre comércio entre os dois blocos e negocia com a Comunidade Andina a criação da área de livre comércio sul-americana. Ademais, exerceu influência direta para a fundação, em 2008, da União das Nações Sul-Americanas (Unasul).

O Parlamento do Mercosul, que desde 2006 substitui as Comissões Interparlamentares, faz aflorar a cidadania e o senso coletivo junto aos órgãos intergovernamentais que exercem a direção do bloco.

Comércio e investimentos

A evolução do comércio intrazonal registra crescimento exponencial, passando de cerca de quatro para mais de trinta bilhões

de dólares anuais, entre 1991 e 2008. Não se trata de desvio de comércio, mas de expansão natural, em razão das facilidades que o livre comércio estabelece no interior do bloco.

O crescimento do comércio não ocorreu sem tropeços. Expandiu-se muito nos anos noventa, no embalo da abertura dos mercados sugerida pelas experiências neoliberais, contraiu-se no início do século XXI, em razão da desvalorização do Real em 1999 e da crise argentina em 2001-02, e recuperou a tendência de alta quando as nações restabeleceram o ritmo de crescimento econômico com o avançar do século XXI.

O comércio entre os membros do bloco revelou a existência de outros problemas. Depois de quebrada pela crise do neoliberalismo, a Argentina busca recuperar no século XXI sua vocação industrial e incomoda os exportadores brasileiros de produtos manufaturados com medidas de proteção que ferem o princípio do livre comércio. Essa contrariedade revela a qualidade assimétrica

nas exportações industriais brasileiras aos parceiros do Mercosul, face a importações de produtos primários.

O fluxo de capitais e empreendimentos no interior do Mercosul, tido como alavanca do desenvolvimento visto que realiza a integração produtiva, expandiu-se também de forma exponencial. A Argentina foi eleita como destino privilegiado dos investimentos diretos brasileiros no exterior. Tradicionais empresas argentinas, como Quilmes, Perez Companc, Loma Negra, Alpargatas, Acindar e alguns frigoríficos foram adquiridas por capitais brasileiros. O reverso – investimentos dos três outros parceiros no Brasil em grande escala – não ocorre. Conclui-se que a assimetria registrada pelo comércio desigual verifica-se também no campo dos investimentos.

Fragilidades

Percebeu-se, no parágrafo anterior, que comércio e investimentos circulam e irrigam

as economias dos países membros do Mercosul como se fossem a alma do negócio. E que seus fluxos revelam a existência de assimetrias. Para enfrentar a desigualdade entre os países membros, instituíram-se Fundos de Convergência Estrutural e outros mecanismos financeiros em favor das economias mais fracas. São, contudo, insuficientes para promover a equalização dos níveis de produção, produtividade e bem-estar. O Mercosul prossegue assimétrico.

A tarifa externa comum configura o próprio bloco como traço constitutivo e com ele se confunde, de certo modo. Mas a livre circulação de bens, serviços e fatores de produção, bem como a coordenação de políticas macroeconômicas, os dois outros traços constitutivos do Mercosul nos termos do Tratado de Assunção, apenas parcialmente estão se realizando.

A força do Mercosul

Além das duas forças profundas percebidas acima – comércio e investimentos – outros fatores concorrem para a consolidação do bloco.

Em primeiro lugar, extraordinária empatia das inteligências e da própria opinião pública. O conhecimento do outro expandiu-se em ritmo exponencial equivalente ao do comércio. A quantidade de estudos, conferências e encontros de acadêmicos, empresários e diplomatas resultaram em volume tão grande de publicações que confundem o leitor na hora de escolher o que ler para conhecer o Mercosul. O conhecimento do outro evolui da empatia à simpatia e se derrama em avalanches de visitantes que se sentem em casa dentro de todos os países do Mercosul. Sem os constrangimentos e mesmo a discriminação que sofrem em tantos outros países.

Além disso, postos de lado os efeitos das assimetrias e das crises nacionais que sugerem

o andar solto dos Estados, a coesão de fundo diante de outros blocos e países se mantém, mesmo que tropeçando. A ação externa comum expressa, pois, uma força congênita, que os governos não ousam descartar em razão do acréscimo de poder que agrega a cada país membro e das vantagens que pode canalizar. Por isso, os governos zelam pelo entendimento político entre si, no espírito de Uruguaiana, como valor de origem e impulso permanente para consolidação interna e sucesso externo.

O espectro de negociações externas em andamento e os nexos já concretizados fazem do sujeito internacional Mercosul um ente ativo e expressam dinamismo. Tal dinamismo se deve tributar aos avanços institucionais que consolidam internamento o bloco e o dotam de meios de ação na frente externa.

O Mercosul nasceu embrionário. Em sua evolução, lida com fragilidades e problemas como qualquer outro bloco de países que, nas últimas décadas, se articulam para evitar efei-

tos negativos e maximizar oportunidades da era da globalização. Integração e globalização constituem, com efeito, as duas tendências das relações internacionais contemporâneas. Essas constatações evidenciam a utilidade do Mercosul, levado necessariamente a consolidar-se ao longo do tempo.

Os grandes momentos dessa evolução foram, entre outros, a decisão de negociar externamente como bloco, a criação de fundos de convergência estrutural, a constituição do Parlamento do Mercosul, a adesão de novos membros e, enfim, a adoção de moedas próprias em negócios entre os sócios.

Para saber mais

BRASIL, Congresso Nacional. *Mercosul: legislação e textos básicos*. Brasília: 2005, 4ª edição.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. *Relações Brasil-Argentina*: a construção do entendimento (1958-1986). Curitiba: Juruá (no prelo).

PATRÍCIO, Raquel Cristina de Carla. *As relações em eixo franco-alemãs e as relações em eixo argentino-brasileiras*: gênese dos processos de integração. Lisboa: ISCSP, 2007.

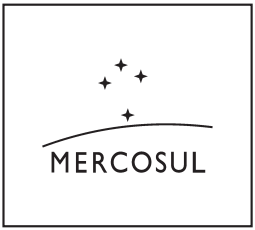
CERVO, Amado Luiz e Bueno, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil.* Brasília: EdUnB, 2008.

RAPOPORT, Mario e Cervo, Amado Luiz (orgs.). *El Cono Sur: una historia común*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

VAZ, Alcides Costa. *Cooperação, integração e processo negociador: a construção do Mercosul*. Brasília: Ibri, 2002.

LAVAGNA, Roberto. *Argentina, Brasil, Mercosul, - UNA decisión estratégica Buenos Aires*. Editorial Ciudad Argentina, 1997.

Curiosidade



O símbolo oficial do Mercosul foi adotado pelo Conselho do Mercado Comum no 11º Encontro de Presidentes em 1996, em Fortaleza, Brasil. O logo apresenta quatro estrelas formando a constelação do Cruzeiro do Sul acima de uma curva verde representando o horizonte, com o nome Mercosul abaixo deles, e também, as quatro bandeiras nacionais dos membros fundadores do Mercado Comum: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Este logotipo foi criado pelo desenhista gráfico argentino Carlos Varau. O trabalho de Varau foi o ganhador entre 1412 trabalhos do concurso patrocinado pelas Agência de Comunicação Oficial em cada um dos Países-Membros.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br